



O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

SAIBAMOS COORDENAR A LUTA NAS VÁRIAS FRENTE DE COMBATE

A luta pela defesa da Paz e pela proibição incondicional da bomba atómica deve ser a tarefa número um de todos os homens e mulheres progressistas do nosso país. A constituição da Comissão Nacional para a Defesa da Paz representa um enorme passo para o fortalecimento e alargamento da luta do povo português pela defesa da Paz, contra a política de guerra da camarinha salazarista.

Este importantíssimo acontecimento político coloca ante todos os homens e mulheres honrados do nosso país e, em primeiro lugar, ante a classe operária portuguesa e o seu partido — o Partido Comunista Português — novas e pesadas tarefas.

Essas tarefas consistem em consolidar a Comissão Nacional para a Defesa da Paz, alargando-a com novos elementos e prestando-lhe todo o apoio e colaboração nas suas acções em defesa da Paz e, pela luta das massas, defendê-la da acção repressiva da camarinha salazarista. Essas tarefas consistem em levar por diante o movimento em defesa da Paz, quer organizando e constituindo Comissões Para a Defesa da Paz, em todos os locais de trabalho, de habitação e de estudo, quer organizando e levando a efeito as mais variadas iniciativas em defesa da Paz e pela proibição incondicional da arma atómica.

O Partido, todos os seus militantes e simpatizantes devem apoiar sem reservas todas as iniciativas, por mais simples que sejam, que tenham por objectivo esclarecer o povo sobre os horrores da guerra e, particularmente sobre os horrores de bombardeamentos atómicos e mobilizá-lo e organizá-lo para lutar por todas as formas, tendo em conta a situação concreta do nosso país, contra a guerra e pela proibição incondicional da arma atómica.

Será na medida em que se amplie e alargue o Movimento Nacional Para a Defesa da Paz e que se levem a efeito acções concretas em defesa da Paz que obrigaremos o governo e a sua camarinha, assim como certos «pacifistas» a desmascaram-se cada vez mais como provocadores de guerra e como lacaios dos imperialistas anglo-norte-americanos numa palavra: a apresentarem-se tal qual são.

A reacção nos arraiais fascistas, após as iniciativas levadas a efeito em defesa da Paz e a constituição da Comissão Nacional Para a Defesa da Paz são uma prova do que afirmamos atrás. A Emissora Nacional, «O Século», o «Diário de Notícias», o novo órgão da P.I.D.E., «A VOZ», o «Diário da Manhã» e até o «Diário de Lisboa» do sr. Joaquim Manso, vomitaram todo o seu ódio à Paz e todos eles, como porta-vozes da camarinha governante, se desmascaram como paladinos da guerra.

Os Partidários da Paz de Portugal não podem deixar ficar sem resposta adequada as vis calúnnias, vomitadas pela Emissora e pelos grandes órgãos da imprensa, contra os melhores lutadores em defesa da Paz.

Nas empresas, nas fabricas, oficinas, escriptorios, nos escriptorios, nas escolas, nas universidades, nos campos, em toda a parte, os operários, os empregados, os camponeses, os intelectuais, os estudantes, etc., devem realizar reuniões e votarem moções e assiná-las em defesa da Paz e pela proibição incondicional da arma atômica e enviarem essas moções à Comissão Nacional Para a Defesa da Paz. Igualmente devem ser votadas moções de protesto a enviar à Emissora, jornais, autoridades governamentais, protestando contra a propaganda de guerra que tem lugar abertamente no nosso país e excluindo que se siga uma política de Paz.

Paralelamente e ao mesmo tempo devem constituir-se Comissões Para a Defesa da Paz amplas e compostas por todos os que desejam a Paz, sem distinção política ou de crenças religiosas.

Por outro lado, todos os lutadores pela defesa da Paz devem fazer todos os esforços no sentido de que as suas acções em defesa da Paz se tornem conhecidas em todo o mundo. A politica de guerra da camarilha salazarista, o desemprego, a miséria e a fome que daí advêm para o povo português, a luta do povo português em defesa da Paz e contra os incentivos de guerra anglo-norte-americanos, as perseguições, o terror e a repressão, tudo deve ser conhecido pelos Partidarios da Paz de todo o mundo.

Aos comunistas cabe um lugar de destaque na realização pratica destas tarefas. Eles devem ser os lutadores de vanguarda na luta pela defesa da paz, pela proibição incondicional da arma atômica, e a sua acção para a realização de tão importantes tarefas deve ser principalmente junto da classe operária, dos camponeses de todos os trabalhadores do nosso país.

A Comissão Nacional Para a Defesa da Paz só poderá cumprir cabalmente a sua missão se tiver a apoiá-la uma forte acção de massas e se essas massas estiverem organizadas em Comissões Para a Defesa da Paz, em Comissões para a recolha de assinaturas para o apelo pela proibição da arma atômica, em Comissões para a realização de conferências e assembleias em defesa da Paz, em Comissões para a recolha de fundos para custear deslocações, propaganda e agitação etc., etc..

Aos comunistas cabe, em grande parte, a tarefa de levarem às massas esta orientação e serem os melhores organizadores e activistas em defesa da Paz.

Sim, a luta em defesa da Paz e pela proibição incondicional da arma atômica é a tarefa número um da hora actual. Mas, há outras tarefas igualmente multissimas importantes, que aliás se ligam entre si e são um reforço à luta pela Paz, a realizar sem perda de um momento; como sejam:

1º—Organização e mobilização dos trabalhadores para a batalha das eleições sindicais;

2º—Organização e mobilização de todos os democratas para as eleições para as Juntas de Freguesia;

3º—Intensificação da luta contra o desemprego e por aumento de salários;

4º—Intensificação da luta pela Amnistia.

A realização pratica de todas estas tarefas exige um grande esforço organizativo de todas as organizações e militantes do Partido.

E, se é necessário que todos os militantes discutam nos seus respectivos organismos estes problemas e estudem a forma de lhes dar solução, não se vá pensar que todos devem ser destacados para realizar todas as tarefas em conjunto. Ao contrário. Para que todas estas tarefas possam ser realizadas cabalmente, torna-se imprescindível que em cada organização se opere uma conscienciosa divisão de tarefas e que passe a ser exercido um apertado controle de execução colectivo para velar pelo seu cumprimento.

De um modo geral, todas estas tarefas estão ligadas entre si. A organização e mobilização dos trabalhadores para as eleições sindicais e a luta pela sua realização na data prevista, a constituição de comissões sindicais a elaboração da lista de Unidade e dos cadernos reivindicativos comuns a cada sindicato, liga-se à luta pela realização das eleições para as Juntas de Freguesia e pela organização e mobilização de todos os democratas em Comissões para participarem nelas.



Na medida em que existir uma boa coordenação no trabalho e um franco espírito de Unidade, as comissões sindicais eleitorais podem e devem ajudar as Comissões Eleitorais democráticas na elaboração dos endereços reivindicativos e listas para as Juntas de Freguesia, e estas por sua vez podem e devem ajudar as Comissões Sindicais nos seus trabalhos, etc..

A luta em defesa da Paz e contra a política de guerra da camarilha salazarista está intimamente ligada à luta pelos interesses mais imediatos das classes trabalhadoras. Uma acção em defesa da Paz, como por exemplo, a luta contra as despesas astronómicas de carácter militar e pela realização de obras de fomento, é ao mesmo tempo uma acção por trabalho para todos e por melhores condições de vida para as massas laboriosas.

Uma comissão sindical que recolhe assinaturas para uma lista de Unidade, pode e deve, ao mesmo tempo, recolher assinaturas para o apelo para a proibição da arma atómica, ou para determinada exposição a enviar às autoridades exigindo uma política de Paz; pode e deve ir munida de uma exposição exigindo a Amnistia para TODOS os presos políticos e pedir aos trabalhadores que a assinem. Por sua vez uma Comissão Democrática Eleitoral pode e deve fazer outro tanto, quando se trata de elaborar as listas para as Juntas de Freguesia e ajudar as Comissões sindicais no seu trabalho ao mesmo tempo que recolhe assinaturas para o apelo pela proibição da arma atómica, etc..

Saibamos pois coordenar convenientemente as acções em defesa da Paz, com as acções pelas reivindicações mais imediatas dos trabalhadores e de todos os democratas.

Para Uma Mais Larga Mobilização da Juventude E Um Maior Auxílio Do Partido

O II Congresso Ilegal colocou perante o nosso Partido a tarefa grandiosa de criar no nosso País um amplo movimento e organização legal da juventude progressista. Decorridos 4 anos, podemos constatar com orgulho que o Partido soube cumprir esta importante tarefa, não obstante, as repressões e o ódio com que o fascismo tem atingido ininterruptamente o movimento da juventude.

O M.U.D. Juvenil, pelas acções e movimentos de massas que tem realizado, pelas largas camadas juvenis que dirige, orienta ou simplesmente influencia; pela extensão dos seus contactos e organização às principais e mais importantes regiões do País; pelo eco e acolhimento que tem tido nos corações juvenis, o M.U.D. Juvenil, é já hoje um importante movimento de massas da juventude democrática e progressista.

Mas apesar destes importantes e decisivos passos, o movimento da juventude continua a sofrer de grandes deficiências. As grandes massas da juventude, os jovens politicamente indiferentes, ainda não foram atraídos ao M.U.D. Juvenil, a sua organização é, em muitos casos, precária ou inexistente, muitos sectores juvenis não foram ainda sequer tocados. Subsiste da parte de muitos dos seus dirigentes um grande sectarismo e falta de maleabilidade. As acções e lutas concretas da juventude na base das suas reivindicações e aspirações de carácter económico, cultural, recreativo, desportivo, etc., são débeis, inexistentes em muitos casos e sofrem na generalidade, de caminharem aos arrastões sem continuidade e sem uma orientação definida.

Da parte da muita camaradagem e organizações do nosso Partido—apesar dos



progressos existentes — continua-se a verificar uma grande subestimação e não se prezo pelo movimento da juventude. Ainda não se reconheceu como seria para desejar, que a juventude, com o seu dinamismo, entusiasmo, espírito de sacrifício e combatividade, tem dado uma forte contribuição à luta do nosso povo contra o fascismo salazarista. Ainda durante o último período eleitoral, a acção dos jovens foi de enorme importância e, em muitas regiões, eles estiveram na vanguarda da luta pela conquista das liberdades fundamentais. **A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO DA JUVENTUDE E O SEU PAPEL DECISIVO NA CORRELAÇÃO DAS FORÇAS ANTI-FASCISTAS, NÃO PODE HOJE POR NINGUÉM SER IGNORADO E MUITO PARTICULARMENTE POR QUALQUER MILITANTE DO NOSSO PARTIDO.**

Mercê da sua política de miséria, ruínas e desemprego, da sua política anti-nacional e anti-juvenil, da sua política de preparação para a guerra, de opressão e obscurantismo, o Governo fascista de Salazar está lançando uma grande ofensiva contra os interesses e direitos mais inalienáveis da jovem geração. O agravamento da situação económica dos jovens trabalhadores e o desemprego sempre crescente; as recentes reformas do ensino técnico e comercial, liceal e particular; a lei sobre o serviço militar com a elevação de 12 para 18 meses de permanência nas fileiras do exército, a extensão do ensino militar às próprias Universidades, a instrução pre-militar a partir dos 7 anos; o envio de milhares de jovens soldados do Continente e de jovens indígenas das Colónias para México, a reorganização da Mocidade Portuguesa, com a intensificação das suas actividades militaristas e a sua crescente transformação numa organização do tipo das juventudes hitlerianas, são alguns dos aspectos mais salientes dessa ofensiva e medidas anti-juvenis do fascismo salazarista.

Estas realidades fazem colocar perante os jovens democratas como vanguarda da juventude portuguesa, uma enorme responsabilidade, o que exige que redobrem de esforços de audácia e dinamismo, para poderem cumprir com honra, a sua qualidade de jovens progressivos e patriotas.

Existem condições favoráveis e concretas, para que o movimento da juventude sofra um largo impulso, alargue as suas actividades, iniciais e acções de massas. Existem condições objectivas para atrair para o campo democrático, para a luta anti-fascista as grandes massas da juventude trabalhadora e estudantil, e a sua mobilização para amplos movimentos de massas, associando-se à luta pelas reivindicações e aspirações económicas e culturais, à luta pela democracia, pela paz, pela proibição da arma atómica e independência nacional.

Mas para isso, pensamos ser condição fundamental, que os jovens democratas e particularmente, os jovens comunistas, saibam varrer completamente o sectarismo de que ainda hoje estão imbuídos, que saibam unir-se e ligar-se aos jovens de todas as convicções políticas e religiosas, na base das aspirações e interesses comuns a todos, que saibam quebrar o réio que separa os jovens do M.U.D. Juvenil dos jovens que o não são.

Pensa o Partido que, para a ampla mobilização da juventude, não é essencial que todos os jovens façam parte do M.U.D. juvenil, que participem nas suas Comissões ou tenham uma tarefa definida. O essencial é que a actividade e as acções realizadas tenham conteúdo Juvenil, que as formas de organização e mobilização sejam notadamente maleáveis e das mais diversas. A criação de Comissões de aprendizes e camponeses, para lutarem por aumentos de salários ou contra o desemprego; Comissões para lutarem pela revogação dos recentes decretos sobre o ensino e serviço militar; Comissões para lutarem contra o analfabetismo, de defesa dos interesses juvenis junto dos sindicatos, pela construção duma piscina, dum campo de basquetebol, dum ring de patinagem, Comissões de Defesa da Paz, Comissões para angariarem assinaturas para o apelo pela proibição incondicional da bomba atómica, e c., etc..

Estas são algumas das muitas formas de mobilização e organização que podem ser levadas à prática e que permitem uma mais larga aglutinação de jovens mas — repetimos o nosso Partido deve esforçar-se, mais do que o tem feito, por contribuir e auxiliar o movimento da juventude a impulsionar toda a sua actuação e eliminar as suas deficiências. No nosso Partido deve acabar-se de vez com a concepção falsa de que, pelo facto de determinados problemas serem essencialmente



juvenis, se diga: **ISSO É COM OS JOVENS, COMPETE AOS JOVENS RESOLVER.** O Partido é a vanguarda do proletariado e o guia do nosso povo, é o obreiro da unidade nacional e do movimento da juventude na luta pelos seus interesses económicos e políticos, na luta contra o fascismo salazarista e não pode deixar de estar presente ou alhear-se de todas e quaisquer acções e movimentos de massas.

Numa empresa, num rancho, num sindicato, em qualquer colectividade desportiva e recreativa, lá onde se encontrem jovens, todo e qualquer militante do nosso Partido tem o dever de **AUXILIAR** os jovens a resolver as suas dificuldades, a **ORIENTA-LOS** pelo caminho mais justo, a **AJUDÁ-LOS** a lutar pelas suas reivindicações e aspirações. Devem, inclusivamente, defender e lutar pelos interesses dos jovens como pelos seus próprios, pois, como disse Lénine, «**MAIOR É A EXPLORAÇÃO DOS RAPAZES, MAIS A SITUAÇÃO DOS OPERÁRIOS É MÁ E A SUA EXISTÊNCIA É DIFÍCIL.**»

É justo dizer-se que o lugar dos jovens comunistas é no movimento da juventude e aí lutarem, ligados, fundidos e difusos com todos os outros jovens e aí prestarem contas da sua actuação e contribuição financeira juntamente com todos os outros jovens não comunistas. Devemos esforçar-nos, inclusivamente, por vencer as incompreensões de alguns que ainda consideram que o desaparecimento da F.J.C.P., significou um retrocesso; que a actuação no M.U.D. Juvenil é menos revolucionária e de outros que vivem indiferentes pelos Problemas específicos da juventude e que consideram somente revolucionária e anti-fascista a luta e actuação de carácter acentuatadamente política. Os jovens comunistas, devem ser em quaisquer circunstâncias da sua actuação com outros jovens, e particularmente se caírem na polícia: **EXCLUSIVAMENTE DEMOCRATAS.** Isto não significa todavia, que estes jovens se esqueçam que, além de membros do movimento da juventude são, antes e acima de tudo, membros do Partido.

Ao se dizer a um jovem comunista: «Vai-te aos outros jovens, vai para o movimento legal da juventude e sê aí um dinamizador e defensor duma justa orientação, isto não deve traduzir que o Partido o abandone ou deixe de lhe prestar qualquer assistência. Se numa empresa, no campo ou em qualquer outro lado existirem jovens comunistas militando no movimento juvenil, o Partido deve procurar dar-lhes assistência política e a imprensa do Partido, dar-lhes enfim, todo o auxílio que necessitem. Devem, ainda, procurar atrair ao Partido os jovens mais destacados e combativos, não para serem absorvidos pelo Partido como tem acontecido, mas como membros do Partido continuarem executando tarefas juvenis». Mas isto — e é necessário ter bem presente — **NÃO SIGNIFICA** a realização dum **CONTROLE** ou a criação de quaisquer **ESQUEMAS ORGÂNICOS ILEGAIS**, paralelos ao movimento da juventude.

Por último, sempre que as circunstâncias o exijam e de acordo com a situação concreta de cada região e sector, levar à constituição de «organismos ilegais para orientação superior da luta nacional da juventude, para o enquadramento político dessa luta no plano da luta das classes trabalhadoras» de organismos do nosso Partido, de camarada do nosso Partido responsáveis perante o Partido pela condução da actividade juvenil» (Duarte, informe ao II Congresso).

INTENSIFIQUEMOS O TRABALHO FEMININO

Uma das fraquezas do nosso Partido continua a ser o trabalho entre as mulheres, a sua mobilização para as lutas reivindicativas e o recrutamento de novas aderentes e simpatizantes.

Embora tenha melhorado nalguns aspectos, o trabalho deste sector continua a ter a origem da sua principal deficiência na pouca importância que os nossos camaradas, mesmo os mais responsáveis, dão a este sector do trabalho partidário.

Ora estando nós a atravessar uma situação de intensa actividade política e de mobilização das massas, para que estas se empenhem em novas



lutas contra o agravamento das condições de vida e para que se unam numa ampla frente nacional para combater os perigos de uma nova guerra, defenderem a nossa independência nacional ameaçada e conquistarem as liberdades democráticas, seria uma grave falta da nossa parte não voltarmos as nossas vistas e acções com muito mais energia e atenção para as amplas massas femininas. Devemos ter presente que nas condições actuais temos amplas possibilidades para a sua mobilização. Basta olhar para um exemplo bem recente a campanha da candidatura. As mulheres representaram um papel importantíssimo nessa campanha. Não foi por mero acaso que o salazarismo as procurou mobilizar a todo o custo—foi porque ele reconheceu, melhor que muitos dos nossos camaradas, a força que o elemento feminino representa.

Não devemos esquecer o que Lênine nos disse a este respeito:

«Esquecendo as mulheres é impossível interessar as massas pela política».

A conquista das grandes massas femininas é, portanto, uma tarefa que não pode ser descuidada e que precisamos realizar sem demora.

Como é de que maneira? Através das e sabendo organizá-las, apoiando-se nas suas lutas reivindicativas quer de carácter económico quer político e social.

No campo económico, as mulheres continuam a ser ferozmente exploradas, recebendo sempre um salário inferior ao dos homens embora executando muitas vezes o mesmo trabalho. Por exemplo: o contrato colectivo dos corticeiros fixa para os quadradores mecânicos o salário de 27800 e para as quadradoras mecânicas 17500; o da indústria de lanifícios fixa para um apartador um salário de 21500 e para uma apartadora o de 13550; na indústria de conservas, em média, um operário ganha 1915 à hora e uma operária 1830. As camponesas ganham quase sempre metade ou pouco mais de metade da jornada dos camponeses, contudo, nas celias, cavas, sachas, particularmente, elas fazem muitas vezes o mesmo trabalho que os homens.

E assim que os capitalistas conseguem obter maiores lucros, utilizando o trabalho feminino em substituição do masculino. E isto é feito sem que muitos dos seus camaradas (homens) liguem grande importância a esse facto. Deixam-se levar pela ideia falsa da superioridade masculina, aceitam essa desigualdade de salários para o mesmo trabalho sem compreenderem o prejuízo e mal que para eles próprios resulta desta aceitação pois uma tal força de trabalho, utilizada em tais condições, só pode contribuir para que os seus salários se mantenham baixos também. Por outro lado, ao consentirem num tal deslize nos salários, aceitam a exploração das suas próprias companheiras, filhas e irmãs.

No campo da assistência e na forma como a mulher vem executando o trabalho, principalmente na indústria, há importantes reivindicações a fazer e para as quais devemos saber mobilizar as massas femininas e apoiá-las nas suas lutas. É o caso do trabalho nocturno ou de mais de 8 horas nas fábricas e oficinas que não deve ser permitido pois a mulher, em geral, depois do trabalho da fábrica ainda vai fazer o trabalho da casa; é o caso do cumprimento do estabelecido em muitos contratos colectivos no que respeita à concessão dos 30 dias de férias por ocasião do parto, com pagamento de 50% do salário; é o caso da construção de creches e o seu bom funcionamento, onde as mães possam amamentar os seus filhos com regularidade, etc..

No campo político a mulher tem muito a conquistar e a sua participação nas lutas políticas é uma importância capital como já atrás assinalámos. Por isso devemos chamá-las a participar nas comissões democráticas, mostrá-lhes a necessidade que têm de lutar pela conquista dos seus direitos políticos, de terem direito a voto como os homens, coisa que só um reduzido número de mulheres tem. Na campanha da candidatura vimos como as mulheres defenderam com energia esta reivindicação. Compete-nos, portanto, saber auxiliá-las a defender esse direito. Compete-nos organiza-las e mobilizá-las para a luta pela realização imediata das eleições para as juntas de Freguesia e sua participação nessas eleições.

Ainda no campo político há um outro aspecto importante para o qual devemos mobilizar as mulheres a luta contra os perigos duma nova guerra e a luta contra



a política belicista que o salazarismo está seguindo — alinhando ao lado do imperialismo anglo-americano para o desencadeamento duma nova guerra contra a U.R.S.S. e as novas democracias. As mulheres nunca estarão de acordo em deixar partir os seus filhos, maridos e irmãos para uma nova guerra que não seja justa e patriótica em defesa da nossa independência nacional, como povo livre que desejamos ser. Ora, nem a U.R.S.S., nem os países da nova democracia pretendem agredir-nos ou atentar contra a nossa independência nacional. Quem nos está exigindo concessões de bases militares e a entrega das riquezas do nosso solo é o imperialismo anglo-americano; e a ele que o salazarismo tem permitido a construção dessas bases e tem entregue grande parte das nossas riquezas. É necessário esclarecer as mulheres acerca deste ponto porque elas são uma grande força na luta pela Paz, pela proibição da arma atómica. Podemos estar certos que será difícil ao fascismo salazarista levar o nosso povo a servir de carne de canhão numa guerra em defesa dos imperialistas se as mulheres forem esclarecidas pois elas opõem-se a tais desígnios. Neste sentido impõe-se também a sua mobilização e organização em Comissões de Defesa da Paz. Devemos esforçar-nos por criar comissões de luta pela paz, activar as acções nos organismos que tenham como fim a defesa da paz, levando o grosso das mulheres a interessar-se por esses organismos. Devemos procurar unir as mães, esposas, noivas e irmãs para que lutem no sentido de não permitirem que os seus filhos, esposos, noivos e irmãos sejam utilizados como carne de canhão numa guerra de agressão que os imperialistas anglo-norte-americanos preparam e atacam.

Todas estas reivindicações e tarefas que atrás mencionamos devem merecer da nossa parte o mais completo apoio, pois será na medida em que as mulheres verifiquem esse auxílio que poderão ver no nosso Partido o seu verdadeiro defensor e guia. Só dessa forma poderemos dizer que não esquecemos as mulheres; e dessa maneira interessaremos as massas femininas pela política como nos ensina Lênine.

O nosso país caminha a passos largos para o agravamento da situação económica e para a agudização das lutas políticas. As mulheres serão chamadas a uma maior participação nestas lutas. Está em nós saber mobilizar esta grande força e não deixar que o salazarismo se nos antecipe. Temos o exemplo do que foi a campanha da candidatura: o salazarismo procurou mobilizar as mulheres com assinaturas para demonstrar que as mulheres estavam com ele; as forças democráticas poderiam e deveriam ter respondido com uma contra manifestação recolhendo em todo o país as assinaturas das mulheres que estão contra a actual situação. Isto teria dado margem a uma ampla movimentação entre as mulheres, faria com que muitas despertassem e viessem à luta. Tudo isto poderia ter sido realizado se houvesse uma melhor compreensão da importância que as mulheres representam para as lutas que as forças democráticas têm de travar.

Exemplos como o que acabamos de apontar aparecerão nas lutas futuras se nós não soubermos conquistar as mulheres para o nosso lado.

O chamamento das mulheres a participarem nos organismos de luta deve ser hoje uma das nossas grandes preocupações e que devemos resolver; as comissões sindicais, Comissões de Unidade, Comissões Eleitorais, Comissões de Defesa da Paz, etc., devem ser constituídas com a participação do elemento feminino em toda a parte que seja possível. O problema feminino deve ser discutido em todas as reuniões dos organismos do Partido de forma a encarar-se melhor as formas de mobilizar e organizar as mulheres para a luta.

Este problema não pode ser adiado, precisa de solução rápida.

Para dar uma ideia geral do que representa o elemento feminino, da sua importância na produção, achamos bem terminar este artigo com alguns números:

Segundo o recenseamento de 1940, existiam no continente e ilhas 2.030.170



mulheres activas e 2.276.589 homens activos. Nas profissões manuais, mecânicas e de caracter industrial eram empregadas 129.759 mulheres. Só a indústria textil e de vestuário empregava 91.117 mulheres. No comércio e seguros 23.040. Na educação artes e ciências 30.539. Na agricultura e pecuária 1.219.000. (Aguedo de Oliveira). Estes números devem estar hoje ultrapassados, muito particularmente no que respeita à indústria. E, segundo a Estatística da Organização Corporativa (1945), de 470.697 sócios existentes nos sindicatos 115.891 eram mulheres.

Estes números dão-nos uma ideia do que representa o elemento feminino, não só no aspecto de número mas também no aspecto associativo, o que mais reforça a necessidade imperiosa da sua conquista.

REFORCEMOS O TRABALHO CONSPIRATIVO

Através de constantes circulares, publicadas pelos vários organismos de direcção do Partido, e das páginas do «Militante» tem sido chamada a atenção das organizações e dos militantes para o papel que desempenha um bom trabalho conspirativo na defesa do Partido. É verdade que muitos passos positivos foram dados quanto ao melhoramento deste aspecto de actividade. Porém, alguns erros de certa gravidade continuam a ser cometidos que importa rectificar com rapidez se queremos defender com exito o Partido da acção policial.

Um desses erros, senão o principal, é a falta de uma acção continuada do auto-controle de alguns dos funcionários. Assim, continuamos a verificar faltas constantes no trabalho conspirativo, desses camaradas, que esquecem com facilidade que a acção da policia não abranda, antes pelo contrário, ela intensifica-se na medida em que sentem o terreno fugir-lhes debaixo dos pés em consequência da luta do nosso povo e do papel dirigente crescente do nosso Partido na condução e orientação dessa luta.

Todo o funcionário que não está em condições de compreender esta realidade e rectificar não com palavras, mas pela sua acção diária, não está em condições de defender-se e defender as organizações que estão sob o seu controle. É evidente que todo o funcionário que com frequência comete faltas conspirativas não tem condições para defender e orientar eficazmente esse trabalho à sua responsabilidade. Ele será sempre levado a «desculpas» faltas conspirativas, dado que ele próprio não é suficientemente intransigente consigo próprio.

Em face do acima exposto e a par de medidas orgânicas destinadas a impedir a existência nos quadros de funcionários de camaradas incapazes de conduzir um bom trabalho conspirativo, é fundamental incutir no espirito de todos os militantes e dos camaradas funcionários em especial a necessidade constante da discussão, e consequente aperfeiçoamento, do trabalho conspirativo, levando-os à compreensão justa da intransigência ante faltas conspirativas.

É de todos sabido, e a experiência tem-nos intelizmente demonstrado, que, muitas vezes, uma falta conspirativa ainda que não trazendo prejuizos imediatos, vai reflectir-se meses depois porque não foi suficientemente discutida e analisada e tomadas as medidas que o caso impunha.

E, isto é tanto mais grave, quanto essas dificuldades são cometidas pelos funcionários do Partido. Por isso, o Partido e a sua Direcção, tem de ser intransigente face a faltas conspirativas, cometidas pelos funcionários em especial, exigindo o estreito cumprimento das regras conspirativas, devendo estimular a discussão constante no organismo do problema conspirativo e deve tomar todas aquelas medidas que as circunstâncias exijam, com o objectivo da defesa do Partido, como tarefa principal e fundamental do momento presente.

NOTA. — Por lapso «O Militante» anterior saiu erradamente com o número 59 quando ele era o nº 60

